

um estado futuro, recebendo-o temporariamente na intuição. (Descartes, de modo característico, ainda influenciado por esta tradição, chamou o tratado no qual se dispôs a demonstrar a existência de Deus de *Méditations*). Com o surgimento da Era Moderna, o pensamento tornou-se principalmente um servo da ciência, do conhecimento organizado; e ainda que tenha ganho muito em atividade, segundo a convicção crucial da modernidade pela qual só posso conhecer o que eu mesmo produzo, foi a matemática, a ciência não-empírica por excelência, em que o espírito parece lidar apenas consigo mesmo, que passou a ser a ciência das ciências, fornecendo a chave para as leis da natureza e do universo que se encontram ocultas pelas aparências. Se era um axioma para Platão que o olho invisível da alma era o órgão adequado para contemplar a verdade invisível com a certeza do conhecimento, tornou-se axiomático para Descartes — durante a famosa noite de sua “revelação” — que havia “um acordo fundamental entre as leis da natureza [que estão ocultas pelas aparências e por percepções sensoriais enganosas] e as leis da matemática”;<sup>5</sup> ou seja, entre as leis do pensamento discursivo em seu nível mais elevado e abstrato e as leis do que quer que se encontre na natureza por trás da mera “semblância”. E ele acreditava realmente que com este tipo de pensamento — que Hobbes denominava “cálculo de conseqüências” — poderia produzir conhecimento seguro sobre a existência de Deus, da natureza da alma e de outros assuntos do gênero.

O que me interessava no estudo sobre a *Vita activa* era que a noção de completa quietude da *Vita contemplativa* era tão avassaladora que, em comparação com ela, todas as diferenças entre as diversas atividades da *Vita activa* desapareciam. Frente a essa quietude, já não era importante a diferença entre laborar e cultivar o solo, trabalhar e produzir objetos de uso, ou interagir com outros homens em certas empreitadas. Mesmo Marx, em cuja obra e em cujo pensamento a questão da ação teve um papel tão crucial, “utiliza a expressão ‘praxis’ simplesmente no sentido ‘daquilo que o homem faz’ em oposição ‘aquilo que o homem pensa’”.<sup>6</sup> Eu estava todavia ciente de que era possível olhar para esse assunto de um ponto de vista completamente diferente; e para deixar registrada a minha dúvida, encerrei esse estudo da vida ativa com uma curiosa sentença que Cícero atribuiu a Catão. Este costumava dizer que “nunca um homem está mais ativo do que quando nada faz, nunca está menos só do que quando a sós consigo mesmo” (*Numquam se plus agere quam nihil cum ageret, numquam minus solum esse quam cum solus esset*).<sup>7</sup> Supondo que Catão esteja certo, as questões que se apresentam são óbvias: o que estamos “fazendo” quando nada fazemos a não ser pensar? Onde estamos quando, sempre rodeados por outros homens, não estamos com ninguém, mas apenas em nossa própria companhia?

É evidente que levantar tais questões apresenta certas dificuldades. À primeira vista, elas parecem pertencer ao que se costuma chamar “filosofia” ou “metafísica”, dois termos e dois campos de investigação que, como todos sabemos, caíram em descrédito. Se isto se devesse meramente aos ataques do positivismo moderno e do neo-positivismo, talvez não precisássemos nos preocupar. A assertiva de Carnap

segundo a qual a metafísica deveria ser vista como poesia certamente choca-se com as pretensões habituais dos metafísicos; mas essas últimas, assim como a própria avaliação de Carnap, podem estar baseadas em uma subestimação da poesia. Heidegger, que Carnap escolheu como alvo privilegiado, retorquiu afirmando que a filosofia e a poesia estavam de fato intimamente relacionadas; não eram idênticas, mas brotavam da mesma fonte — o pensamento. E Aristóteles, que até agora ninguém acusou de escrever “mera” poesia, tinha a mesma opinião: poesia e filosofia, de alguma forma, estão relacionadas. O famoso aforismo de Wittgenstein — “sobre o que não podemos falar devemos nos calar” —, que argumenta pelo lado oposto, deveria aplicar-se, se levado a sério, não apenas ao que se encontra além da experiência sensorial, mas ainda mais aos próprios objetos dos sentidos. Nada do que vemos, ouvimos ou tocamos pode ser expresso em palavras que se equiparem ao que é dado aos sentidos. Hegel estava certo quando indicou que “o Isto dos sentidos ... não pode ser alcançado pela linguagem.”<sup>8</sup> Não foi precisamente a descoberta de uma discrepância entre as palavras, o *medium* no qual pensamos, e o mundo das aparências, o *medium* no qual vivemos, que conduziu, pela primeira vez, à filosofia e à metafísica? Com a ressalva de que no começo era o pensamento, na forma de *logos* ou de *noesis*, que tinha a capacidade de alcançar a verdade ou o verdadeiro ser, ao passo que no final a ênfase havia se deslocado para o que é dado à percepção e para os instrumentos pelos quais podemos estender e aguçar nossos sentidos corporais. Parece bastante natural que o primeiro se volte contra as aparências e o último contra o pensamento.

Nossas dificuldades com as questões metafísicas são produzidas nem tanto por aqueles para quem essas são questões “sem sentido”, como pela própria parte atacada. Pois assim como a crise na teologia atingiu seu clímax quando os teólogos — e não aquela velha multidão de incrédulos — começaram a discutir a proposição “Deus está morto”, também a crise na filosofia e na metafísica veio à luz quando os próprios filósofos começaram a declarar o fim da filosofia e da metafísica. Hoje isso já é uma velha história. (A atração pela fenomenologia de Husserl derivou das implicações anti-históricas e antimetafísicas do slogan “*Zu den Sachen selbst*”; e Heidegger, que “aparentemente permaneceu na trilha metafísica”, de fato também pretendia “superar a metafísica”, como ele mesmo proclamou muitas vezes desde 1930).<sup>9</sup>

Foi Hegel e não Nietzsche, quem pela primeira vez declarou que o “sentimento subjacente à religião na Era Moderna é o sentimento: Deus está morto.”<sup>10</sup> Sessenta anos atrás, a *Enciclopédia Britânica* já se sentia segura para tratar a “metafísica” como filosofia “sob seu nome mais desacreditado.”<sup>11</sup> E se quisermos retrair ainda mais esse descrédito, encontraremos Kant entre os mais destacados detratores, mas não o Kant da *Crítica da razão pura*, que Moses Mendelssohn chamou de “destruidor de tudo”, *alles Zermalmer*, mas o Kant em seus escritos pré-críticos, em que ele espontaneamente admite que “era seu destino apaixonar-se pela metafísica”; mas em que fala também de seu “abismo sem fundo”, seu “chão escorregadio” e sua terra utópica de “leite e mel” (*Schlaraffenland*) onde vivem, como em uma